Aula 5 – Relato

Protocolante: João Paulo Amorim de Lacerda

A aula foi ministrada no dia 18/09/2017 e tratou sobre sistemas de gestão de resíduos sólidos, com foco em resíduos sólidos urbanos, tendo como base os textos: “Municipal Solid Waste and the Environment: A Global Perspective”(Vergara e Tchobanoglous, 2012), Ä Gestão dos Resíduos Sólidos em Belo Horizonte”(Tavares e Abreu, 2012) e “O desafio da Gestão de Resíduos Sólidos Urbanos”(Gonçalves-Dias, 2012).

Os textos abordam o assunto da gestão de RSU de forma contextual. Vergara e Tchobanoglous retratam os vários tipos de sistemas de gestão empregados no mundo, mostrando bem o contraponto entre cidades de países mais e menos industrializados enquanto os outros dois textos (Tavares e Abreu, Gonçalves-Dias) apresentam exemplos práticos das cidades brasileiras de Belo Horizonte e São Paulo, respectivamente. O que é importante para entender a aplicação de políticas públicas do ponto de vista prático. “é importante não se obstruir uma visão sistêmica dessa questão da gestão, pois isso irá gerar políticas públicas fragmentadas”, disse Daiana (relatora da aula).

O texto de Verara e Tchobanoglous também mostra o sistema ade gestão do ponto de vista das mudanças climáticas, mostrando que os aterros não controlados podem contribuir em rede para o aumento da emissão de gases do efeito estufa, principalmente Metano. Apesar de ter havido alguns avanços nos últimos anos na diminuição de lixões no Brasil, esses avanços são ainda muito lentos e a meta proposta na PNRS não chegou a ser cumprida e já se fala em alguns retrocessos, como apontado pela professora Sônia. A professora Sylmara lembrou ainda que quando não há devida manutenção, mesmo aterros controlados podem se transformar em lixões.

Kelly (co-relatora), afirmou que com base nas discussões e nos textos conclui-se que os aterros, pois é uma tecnologia antiga e ineficiente, mas ainda muito adotada por ser considerada a mais barata e os prefeitos resistem a adotarem outras tecnologias que não tragam algum resultado político de imediato. A profa. Sylmara sustenta que a PNRS direciona as cidades para adotarem o aterro como solução final para os resíduos, uma solução que muitas vezes é vista como mágica por tirar o lixo da frente das pessoas e esconder em um buraco (ou saco, como dito pela profa. Sônia). A incineração, desse ponto de vista, também não passa de outra solução mágica, talvez com um poder maior de fazer o lixo “desaparecer”, mas com tantos ou mais problemas advindos do processo de gestão. O problema é que todo o nosso arcabouço tecnológico foi construído em cima dos aterros e as empresas que dominam esse mercado lucram muito com isso e fazem o possível para que outras tecnologias “emergentes” não ofereçam concorrência.

A profa Sônia lembra que os autores do texto em inglês colocam de lados opostos a hierarquia dos resíduos (tão adotada nas políticas de gestão mundo afora) e a gestão integrada, como se uma fosse o oposto da outra. A avaliação do grupo é que a hierarquia engessa o sistema de gestão, estabelecendo a ordem dos acontecimentos e não permitindo que se “pule etapas”, o que dificulta a gestão para cidades pequenas e de países com pouco desenvolvimento.

Segundo Andrés, O importante é encontrar soluções locais para a gestão dos resíduos encontrando e selecionando aqueles que possuem algum valor para ser vendido como “commodities”. Nesse sentido, a profa. Sônia lembra que as próprias políticas de gestão têm se tornado commodities (produtos padronizados) e têm isso importadas por outros países como a solução para seus problemas locais. Em geral as tecnologias importadas dão errado nos países em que são implantadas pois essas tecnologias foram criadas em contextos sócio-econômico-sociais diferentes dos países que a estão importando.

Os três textos falam em desafios e os desafios colocados são justamente esses de conhecer a própria realidade, o contexto local da cidade, do bairro, da comunidade onde se quer implantar um sistema de gestão de resíduos (“o saber local”, como colocado pela profa. Sylmara), pois quem sabe nos nossos problemas somo nós mesmos. Só assim pararemos de importar soluções mágicas e começaremos a resolver os problemas com o nosso lixo.